



DIVULGAÇÃO / IBEMA

Nilton Saraiva, CEO da Ibema: "A empresa está passando por uma fase interessante com quase R\$ 1 bilhão de faturamento líquido em 2022. Um círculo virtuoso de investimento e geração de oportunidades"

## IBEMA ANUNCIA NOVA FASE

Com forte crescimento, a fabricante de papel cartão divulga suas propostas para um futuro sustentável

**POR THAIS SANTI**  
Especial para *O Papel*

Com uma estratégia mais abrangente e robusta, a Ibema, uma das principais fabricantes de papel cartão da América Latina, está trilhando uma história fortalecida para um futuro sustentável. Entre o reflorestamento de uma área de 2,2 mil hectares, metas de redução de con-

sumo de água, redução de emissões e aumento da reciclagem de aparas, este é só o começo para a empresa que também lançou recentemente o estudo de uma nova planta de pasta mecânica que será construída no Paraná.

"ESG não é obrigação, mas parte de nossa estratégia. As mudanças climáticas deixaram de ser um risco e passaram a ser um tema de adaptação, em que já temos que observar mapas

hidrológicos para futuras plantações. Ou seja, precisamos pensar muito e estimular os *end-users* a trazerem soluções diferentes. Queremos criar produtos que os ajudem a atingir suas metas, promovendo a sustentabilidade”, disse Nilton Saraiva, CEO da Ibema, durante encontro com lideranças do ramo, clientes do setor gráfico e da indústria de cosméticos, farmacêutica e de alimentos, além de jornalistas, realizado em outubro deste ano, em São Paulo.

O executivo acrescentou ainda que “a empresa está passando por uma fase interessante com quase R\$ 1 bilhão de faturamento líquido em 2022. Um círculo virtuoso de investimento e geração de oportunidades, com ênfase para os 65% de energia que já estão sendo geradas na planta, por meio de usina eólica”. Além disso, Saraiva falou sobre os cuidados da companhia em alinhar sua estratégia de negócios ao *marketing* da Ibema. “Com 67 anos de existência, investimos no processo de *branding* e isso encaixou com o momento que estamos vivendo”, explicou ele, sobre o novo posicionamento da empresa frente aos desafios do futuro e a necessidade de transformação.

Em especial, o CEO da Ibema disse que a companhia possui alguns pontos-chave em termos de metas traçadas, como ter o aterro negativo, reaproveitando todos os resíduos gerados durante o processo produtivo. Entre outras metas que fazem parte do Relatório de Sustentabilidade lançado pela Ibema neste ano, Saraiva disse que a empresa tem o compromisso de reduzir em 25% o consumo específico da água na planta de Turvo-PR entre 2021 e 2024; reciclar 20 mil toneladas de aparas pós-consumo até 2025; reduzir suas emissões de CO<sub>2</sub> em 70% por tonelada de produção até 2030; além de promover oportunidades de aprendizagem até 2024 para 100% dos colaboradores com ensino fundamental e médio incompletos; e aumentar em 30% o total de mulheres trabalhando na Ibema, inclusive em posições de liderança.

Além das metas, a Ibema também lançou o Ibema Florestal como fonte de insumos, absorção de CO<sub>2</sub> e desenvolvimento do setor de árvores plantadas, com foco em pinus e eucalipto. O CEO também explicou que o número de araucárias foi reduzido drasticamente na região e que o Ibema Florestal tem o propósito de preservar e fomentar essa espécie no estado. Outra iniciativa da Ibema é trabalhar com o sistema silvipastoril, que combina o uso estratégico de árvores, pastagens e gado, um cultivo que já é praticado na região em perfeita harmonia com a mata nativa da fazenda e que tem trazido ótimos resultados.

A primeira área destinada para esse fim foi adquirida em maio de 2022. São 2,2 mil hectares, onde serão plantadas 1,9 milhão de mudas, próximo ao município de Turvo-PR. Trata-se de uma fazenda de pasto, cujo solo foi recuperado e adaptado para o plantio de árvores, iniciado em setembro. Foram necessários ainda investimentos em in-

fraestrutura para o preparo das estradas e do solo – tudo amparado pela certificação FSC.

Julio Guimarães, diretor comercial e de *marketing* da Ibema, também falou sobre a reformulação da marca e da estratégia da companhia. “Quando falamos de embalar o futuro e do nosso propósito, isso nos leva ao nosso posicionamento, de trazer alternativas da fibra virgem ou reciclagem de materiais pós-consumo perante as tendências e valores do nosso consumidor final”, explicou.

Faz parte desse escopo atuar nas frentes de relacionamento com fornecedores e clientes, bem como com seus consumidores finais. Como exemplo, Guimarães falou sobre o lançamento do Programa de Fidelidade – Ibema Embala, que transforma desempenho e bom relacionamento em benefícios. O projeto entrará em operação no início do próximo ano.

Entre outras iniciativas, o diretor comercial e de *marketing* falou sobre a relevância da empresa para impulsionar a economia circular. “A planta de Embu é uma solução para a geração de resíduos, especialmente pela sua localização, próxima à maior cidade brasileira geradora de resíduos”, pontuou. Outro lançamento que contribui para as metas da companhia é a nova unidade do projeto Estação Preço de Fábrica, uma parceria com o Grupo Boticário com a gestão da *startup* de logística reversa Green Mining, além do apoio do Governo do Estado de São Paulo. Trata-se de um contêiner inaugurado na unidade em Embu das Artes-SP, em que resíduos de vidro, papelão, papel branco e papel cartão entregues na Estação são comprados e destinados de maneira ambientalmente correta.

Guimarães disse que o projeto faz parte de um esforço maior da Ibema com relação à reciclagem e que essa é uma forma de a companhia incentivar a prática da economia circular por meio do reuso.

Ao comentar o cenário do mercado e de tendências para o futuro, Guimarães disse que o principal ponto de atenção, no caso da Ibema, é a companhia vir a ter baixa disponibilidade de aparas e uma grande migração de outros setores em embalagens secundárias. Ainda assim, é previsto um crescimento para o setor de embalagens de 2,5% médio ao ano até 2025. “Devemos atentar para o mercado de plásticos, que é oito vezes maior, sendo que plásticos de uso único representam 42% dessa fatia”, demonstrou o diretor comercial e de *marketing* da Ibema sobre potencial oportunidade de o papel cartão avançar, especialmente na Europa, no segmento de frutas e legumes, a partir dos marcos regulatórios para esse tipo de plástico.

Já sobre a nova planta, novos dados não foram fornecidos. A empresa, que tem a Suzano como acionista, anunciou em agosto um estudo em estágio avançado para viabilidade de construção de uma fábrica de polpa de celulose (do tipo BCTMP, na sigla em inglês), em Turvo, com capacidade de produção de até 160 mil toneladas por ano, a maior do País.



### Mensagem de Joaquim Levy sobre o cenário macroeconômico

O evento da Ibema contou com uma apresentação institucional de Paulo Hartung, presidente-executivo da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), sobre a importância do setor na preservação dos biomas, em especial o amazônico, e do valor da floresta em pé. Além de Hartung, Joaquim Levy, ex-minis-

tro da Fazenda e atualmente diretor de Estratégia Econômica e Relações com Mercados do Banco Safra, ministrou uma palestra sobre o cenário macroeconômico.

Levy trouxe o cenário macroeconômico com o mercado norte-americano influenciando as demais regiões. Sobre o Brasil, afirmou que independentemente do resultado das eleições para presidente (que na data do evento ainda estava em defini-



“O crescimento da China, que era previsto em 3%, pode ser menor. Para o Brasil, isso não é tão bom, pois indica queda para as commodities. Contudo, pode-se criar demanda adicional pela economia verde”, disse Joaquim Levy

ção), o próximo governo estará relativamente protegido, pois as empresas souberam se ajustar às dificuldades, e, se o governo agir com tranquilidade, poderá atravessar com confiança o próximo período.

Disse ainda que o mundo estará enfrentando um período difícil, mas que vê grandes oportunidades para as corporações na transição energética, com aposta nos biocombustíveis, atuando na redução de emissões, utilizando esses meios como forma, inclusive, de atrair investimento industrial de outros países que visam à energia limpa e baixa pegada de carbono. Tudo isso desde que se tenha tributação fiscal ajustada e adequada.

“As condições têm sido favoráveis para boa parte do País. As *commodities* continuam com preços atrativos, se acomodando principalmente por conta da China, e provavelmente no ano que vem, à medida que as principais economias forem acelerando, ainda haverá espaço para subida de preços, mas sem os índices dos anos anteriores”, comentou Levy sobre o comportamento dos preços das *commodities*.

Também disse que o Brasil, em relação à sua moeda, está em uma situação vantajosa frente às demais nos últimos 20 anos, conforme análise realizada pelo diretor do Banco Safra. “O Banco Central apertou a política monetária há alguns meses, o que diminuiu o incentivo do dólar sair do Brasil e manteve a taxa de câmbio”, apontou. Com relação à inflação, Levy apontou que, no início do ano, houve um temor sobre os países realizarem seus ajustes ao mesmo tempo, com exceção do Japão, que não tem uma inflação real.

Sobre a influência norte-americana, ele explicou que há muito tempo os americanos não vivenciavam o aumento dos preços e, com a pandemia, o governo colocou muito dinheiro em circulação para a população. “A renda aumentou enormemente, e o consumo de bens duráveis aumentou 40%, demonstrando que não estão em recessão, mas ocasionou uma inflação de demanda”, explicou Levy, dizendo que, para reequilibrar a economia, o governo deverá trabalhar algumas engrenagens, como a redução de gastos.

Levy acrescentou ainda que “tudo parece caminhar para uma situação mais tranquila, exceto um problema futuro que é o da demanda de trabalho”. Historicamente, pontuou ele, tem mais gente procurando emprego que vagas de trabalho. “Agora, pela primeira vez, em mais de 50 anos, a oferta está acima da demanda. Isso aconteceu porque muitas pessoas por fatores de idade ou por afastamentos não voltaram ao trabalho na região, o que pode ser preocupante para a economia dos Estados Unidos”, comentou. Além disso, citou que outro ponto sensível é a imigração, que reduziu bastante, passando da média de 1 milhão de pessoas por ano para 200 mil pessoas.

Já na China, o consumo não voltou a crescer depois da pandemia, e seguem os novos *lockdowns*. Além disso, o economista

pontuou que, quanto ao investimento em infraestrutura, o País já fez tudo que poderia. “As estatais não estão gastando mais e isso impede o crescimento, bem como a exportação que não tem como crescer muito na região, pois já está no seu máximo, com tendência à queda. Em resumo, o crescimento da China, que era previsto em 3%, pode ser menor. Para o Brasil, isso não é tão bom, pois indica queda para as *commodities*. Contudo, pode-se criar demanda adicional pela economia verde, ou seja, a substituição das matérias-primas, como o plástico. Não achamos que os preços das *commodities* vão subir, mas, em termos de poder aquisitivo, esse mercado deverá desacelerar”, pontuou.

Já ao analisar a União Europeia, Levy afirmou que o preço da energia saiu do controle e que os governos devem anunciar medidas para contornar a situação.

Retomando os comentários após a reflexão sobre o cenário mundial, no Brasil, Levy disse que o emprego voltou, embora o salário não tenha acompanhado. “Na média, já está retornando ao que era na pré-pandemia. O número de empregados subiu, e isso deve continuar, especialmente com três meses de deflação. Isso é importante, pois o endividamento do brasileiro cresceu muito. Com as taxas de juros subindo, a renda das famílias ficou mais comprometida, o que deprime o consumo. O governo tomou algumas medidas para impulsionar a economia, mas devemos acompanhar um pouco mais o relaxamento da política monetária, sem contar com o crédito para impulsionar esse momento, o que deverá influenciar no mercado de bens de consumo”, citou.

Levy também apontou que os investimentos estão relativamente bons no setor imobiliário e no mercado de máquinas e equipamentos. A renda do setor agrícola duplicou, em especial, por conta dos preços das *commodities*. “Vimos um pico atualmente e, no ano que vem, a inflação ficará em 5% ou abaixo, conforme diretrizes do Banco Central, com retomada de alguns impostos. Provavelmente, se o lado fiscal estiver bem ajustado, o órgão vai poder cortar a taxa de juros, e a Selic pode cair, influenciando crédito às famílias e conferindo oportunidade de crescimento. Existe uma certa decisão importante de segurar o fiscal para se aproveitar a possibilidade da queda de juros e dar um novo fôlego à economia. A taxa de juros baixa é boa até para os bancos, pois pode-se emprestar mais”, resumiu.

Sobre as demais oportunidades, Levy falou sobre o mercado de carbono, apontando que esse mercado terá um papel ainda mais importante nas estratégias das empresas, e por isso é importante participar das discussões e defender a qualidade que o Brasil pode proporcionar. Ao mesmo tempo, apresentando uma nova perspectiva sobre o assunto, Levy disse que o mercado voluntário de carbono pode ser reduzido se for visto como uma ferramenta que desincentiva a transição energética ao compensar emissões. ■